

Cartas de amor e relatórios revelam o outro Graciliano Ramos

Doçura em linhas secas

DANIELA NAME

Quando ainda era prefeito da pequena cidade alagoana de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos respondia aos cumprimentos de "Bom dia" com um seco "Por quê?". O hábito do autor de "Vidas secas" serviu para reforçar a imagem de homem carrancudo e calado. Mas a editora Record está lançando dois livros que têm tudo para desmitificar esse perfil. "Cartas de amor a Heloísa" mostra toda a correspondência de noivado do escritor com Heloísa Ramos, sua segunda mulher. E "Relatórios" publica as famosas prestações de contas da época da prefeitura — inclusive um texto inédito — que revelaram o estilo de Graciliano para o editor Augusto Frederico Schmidt.

Nas cartas, escritas em 1928, o noivo Graciliano se revela um homem apaixonado e extremamente sensível, que reclama das respostas curtas da noiva, declara candidamente seus sentimentos, mas já revela o estilo refinado e irônico que iria marcar sua literatura. "Estou ajoelhado a teus pés (figuradamente, é claro, porque não posso escrever numa posição tão incômoda)", diz ele em um dos trechos. Recém-eleito para a prefeitura, viviu e pai de quatro filhos, Graciliano conheceu Heloísa, uma moça da capital, em uma quermesse. Ele tinha 35 anos, ela tinha 17. Namoraram durante um mês e dez dias, à distância, até que se casaram em Palmeira.

Ele escrevia muito, não dava tempo de responder com cartas mais longas. Na verdade, nosso namoro só foi acontecer na lua-de-mel, o que foi até melhor. Ele estava apaixonado e foi muito apaixonante — diz por telefone dona Heloísa Ramos, que hoje tem 85 anos e mora em Salvador.

O poeta José Paulo Paes, que assina o prefácio de "Cartas de



Graciliano já mostrava, nas cartas e nos relatórios, o estilo dos romances

amor a Heloísa", acha que a descoberta do Graciliano apaixonado acaba com a confusão entre o escritor e seus principais protagonistas. Para ele, o escritor tinha facetas pessimistas e desencantadas como João Valério, de "Caetés", Paulo Honório, de "São Bernardo", e Luís da Silva, de "Angústia". Mas também era afável, amoroso e gostava muito dos amigos.

— Tendemos a acreditar que os personagens são necessariamente uma projeção do caráter do escritor. É claro que Graciliano era pessimista e egocêntrico, mas todos que o conheceram sabem que por trás daquilo havia uma manteiga derretida — acredita Paes.

Ele correlaciona as cartas a Heloísa com "Caetés", primeiro romance do escritor. Tanto Graciliano quanto João Valério compararam suas amadas à imagem de uma santa. O livro foi publicado em 1932, mas começou a ser es-

crito na mesma época das cartas. Já tinha sido feito quando os relatórios do escritor-prefeito, de 1928 e 1930, chegaram às mãos de Schmidt, possivelmente levados pelo escritor José Américo de Almeida. Foram as prestações de contas de Graciliano, escritas com precisão e muito humor, que serviram de cartão de visitas para sua transformação em um dos maiores nomes da literatura nacional.

O escritor Dênis de Moraes, autor da biografia "O velho Graciliano", também pôs as cartas, os relatórios e "Caetés" no mesmo contexto:

— As cartas são uma antítese dos personagens e dele mesmo, mas confirmam seu inigualável talento. E os relatórios já mostram o talento literário e a conduta de Graciliano, que não agüentou o cargo e renunciou na metade do mandato.

Os relatórios mostram a criatividade de um político de im-

“Querida que o mundo fosse o que ele me ensinou a amar”

Heloísa Ramos

“As cartas são uma antítese dos personagens e dele mesmo”

Dênis de Moraes

provisu, que herdou uma prefeitura falida e fazia questão de dizer onde era empregado cada centavo. "Porque se derrubou a Bastilha — um telegrama; porque se deitou uma pedra na rua — um telegrama. Dispendio inútil. Toda a gente sabe que isto por aqui vai bem, que o deputado morreu, que nós choramos, e que em 1589 D. Pero Sardinha foi comido pelos caetés", ironiza Graciliano. Dona Heloísa lembra que o marido, além de ser um pai dedicado (teve mais quatro filhos com a nova mulher), era um político obcecado pelo trabalho.

— Ele era um homem que não existe mais. Dizia coisas engraçadas, mas sempre cumpriu suas obrigações. Fiquei meio constrangida quando resolveram publicar as cartas, mas acho que elas e os relatórios podem ensinar muito. Querida que o mundo fosse como o que ele me ensinou a amar.

Almanaque ganha tarde à moda antiga

A escritora Sônia Lins autografou, na tarde de quinta-feira, seu "Abre-te Sésamo", lançado pela Editora Forense Universitária seguindo os moldes dos bons almanaques de antigamente. A tarde de intenso calor não afadou os convidados que fizeram questão de buscar pessoalmente seus autógrafos no late Clube do Rio de Janeiro.

Jovens senhoras elegantemente vestidas em tons pastéis, cenouras e vermelhos circulavam na varanda do clube, circundada por silenciosos pinhais já enfeitados para o Natal. Sônia, vestida com calça azul-marinho, blusa bege e gargantilha dourada, recebia todos ao lado do namorado Pedro Albuquerque.

Irmã da artista plástica Lygia Clark, a autora conta que foi descoberta por Waly Salomão quando escreveu o livro "Batucum", um apanhado recheado de deliciosos episódios de vivência em Minas Gerais:

— O livro foi lançado pelo único que acreditou em mim, o



Sônia Lins: autógrafos no late Clube

Waly Salomão, na época editor da Pedra que Ronca.

Os visitantes se deslumbraram com o "Abre-te Sésamo" que oferece ao leitor — além de boas risadas, é claro — tudo o que um almanaque que se preza deve oferecer: desde um horóscopo chinês até informações científicas. (Elisabeth Orsini)

EAV expõe trabalhos 00 do curso de design

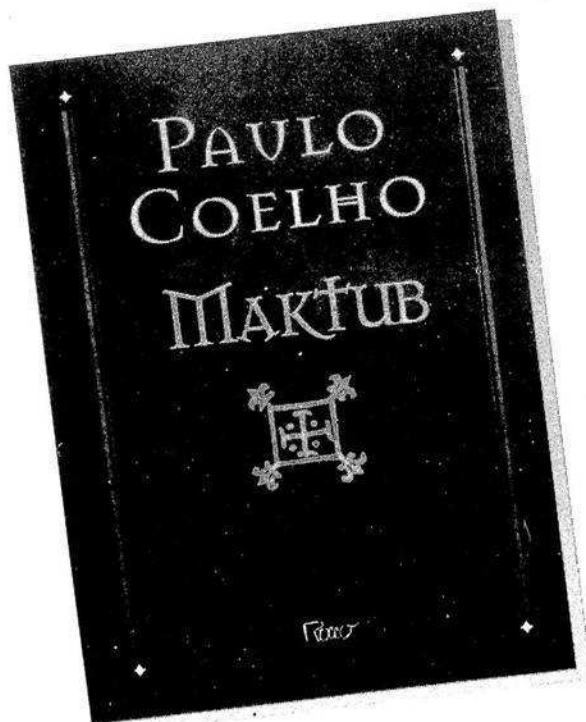
Uma das mais importantes escolas de arte do Rio de Janeiro mostra pela primeira vez os trabalhos dos seus alunos de design gráfico para o grande público. Hoje, às 16h, o seminário "O limite da conceitualização" celebra a "Primeira pequena mostra de design gráfico dos alunos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage", aberta desde a última quinta-feira. Ministrado pelos designers Anita Santoro e Luiz Alberto Lorena, o curso é uma das disciplinas regulares da EAV, que também oferece aulas de litografia, pintura, aquarela e escultura.

A EAV foi responsável pela revelação de artistas plásticos co-

mo Daniel Senise e Leonilson. Também foi o ponto de partida, dos maiores expoentes da chamada "Geração 80": Beatriz Milhazes, Jorge Barrão e Ricardo Basbaum frequentaram os cursos do palacete no Jardim Botânico. Os trabalhos dos novos alunos — a maioria universitários — mostram estilos variados e, para Anita Santoro, podem revelar novos talentos.

— A Escola de Artes Visuais alia técnica com uma imensa liberdade de criação. Procuramos estimular em cada aluno a descoberta de seus próprios caminhos. Cada um tem que saber onde está o equilíbrio de cada forma e cada cor — diz Anita.

ASSIM ESTAVA ESCRITO



Os pensamentos e inquietações de diversas culturas, reunidos por Paulo Coelho nas crônicas diárias MAKTUB publicadas na Folha de S. Paulo, estão agora ao seu alcance. Textos da experiência cotidiana e da sabedoria universal.